

As suggestões da força

Conferencia realisada na séde
da Associação Christã de Mo-
ços, em 8 de junho de 1918.

São sentimentos congenitos no homem o medo ou a affeição que lhe despertam os seres fortes. Desde creança, revela-se em nós o receio do que pode ameaçar a nossa conservação individual; persiste bem viva a memoria do que nos fez soffrer, enquanto nos prende uma sympathia instinctiva áquelles que nos ampararam os primeiros passos, que nos acalentaram, que nos defenderam e garantiram os meios de subsistencia. Este facto tem as suas raizes na materia organica, substancia da nossa vida, camada obscura das nossas emoções e dos nossos pensamentos.

Na idade prehistorica da especie, o sentimento de dependencia do homem para com as cousas que o cercam, tambem se manifesta pela affeição ou por temores que suscitam os phenomenos naturaes, cujo mecanismo é para elle um mysterio impenetravel. O raciocinio oscillante mel apprehende os contornos da realidade que

a imaginação acaba por vestir de formas grosseiras, aberrantes, phantasticas. O homem torna-se escravo de entidades que elle mesmo cria, ás quaes entrega o seu destino, entidades que incarnam um poder supremo—illusão anthropomorphica do poder humano elevado ao grau maximo, com attributos da mesma essencia, sejam tabús polynesios ou deuses de um povo culto.

Feiticista, polytheista, monotheista, que são, em synthese, as religiões com as suas divindades grotescas ou poeticas, com o seu ceremonial pomposo ou singelo, com os seus dogmas inflexiveis?

A crença de que o universo é governado por seres investidos de qualidades sobrehumanas, seres que se encolerizam, que se odeiam, que nos castigam ou protegem com a sua omnipotencia, e, por um simples capricho, não trepidam em ordenar o massacre das populações fracas, o incendio e a destruição dos campos e das cidades indefesas.

Em summa, o culto da força que é tambem o culto das religiões, pode dizer-se que nasceu com o homem, e persistiu até nossos dias variando apenas de aspectos.

No evolver das sociedades, a impressão que ficou das lutas passadas, entre as tribus, entre as nações, entre os Estados, perdura de tal modo na memoria dos povos que ella constitue geralmente a pedra de toque das tradições nacionaes de um paiz.

Entre as hordas errantes que vagueiam nas planicies ou transpõem desfiladeiros, como entre os grupos sedentarios da raça aryana que formaram a argamssa das civilizações, aquelles que se destacam nos combates ao inimigo commum, os mais sagazes, os mais astuciosos, os mais experientes, estes se organizam em castas privilegiadas, eleitas dos deuses de cuja natureza participam. E porque dellas se julga pendente a sorte da

communhão, eis a origem das prerogativas aristocráticas, do poderio, da opulencia, com que realça nas sociedades antigas o prestigio do guerreiro e do sacerdote.

E tal prestigio attingiu tão extraordinarias proporções, mesmo entre nações blindadas de uma brilhante cultura, que houve quem nelle visse a fonte de onde emana a tradição, o costume sobre que assentam instituições archaicas á sombra das quaes a religião, a moral, o direito, a politica se crystalizaram em systems de forças disciplinadoras das actividades individuais e collectivas.

Em um periodo mais avançado de desenvolvimento social, quando o homem começa a perpetuar em monumentos impereciveis as suas imagens, as suas emoções, as suas idéas, é ainda a força, nas suas multiplas manifestações, que o inspira, arreбата e subjuga: são as convulsões da natureza, as tempestades do oceano, os cataclysmas da terra, as façanhas dos guerreiros valentes, as suas victorias e as suas derrotas que a arte diviniza na lenda, no folk-lore, na epopéa, nas construcções architectonicas.

Lêde a litteratura que nos ficou da antiguidade, como um echo do que sentiram e do que pensaram as gerações extintas: dos remotissimos poemas indianos, do lyrismo biblico dos psalmistas, dos cantos homericos e das tragedias gregas, parecereis ouvir o fragor de forças kosmicas que se chocam, o embater de armas que se despedaçam, o rumor surdo das paixões que agitam os homens, a chronica sangrenta de tribus que assaltam umas as outras, famintas ou sequiosas dos thesouros accumulados pelo trabalho pacifico.

Herbert Spencer, que esmerilhou com uma visão genial, o viver das sociedades humanas, descobriu o germen das differentes artes na regença triumphal

que se fazia ao conquistador. Referindo-se á poesia, á arte oratoria e ao drama, observa elle:

"Entre as creanças que, por toda parte, são inclinadas a dramatizar as acções dos adultos, podemos ver uma ou outra destacar-se de um grupo, e, tomando os ares de um personagem de quem ouviu falar ou do qual leu a vida, imitar as suas acções, sobretudo quando ellas teem um character destructivo; é, pois, natural que em epochas em que os sentimentos eram menos reprimidos do que actualmente, os adultos tomassem o habito de dar uma forma ás acções do heroe cujas façanhas celebravam. O orador ou o poeta ajustava o seu discurso ou o seu canto a gestos apropriados ou antes, estes eram simultaneamente representados por outra pessoa. Aconteceu depois que, quando o desenvolvimento ulterior conduziu representações com incidentes mais complexos, nos quaes se mostravam as victorias do heroe e de seus companheiros sobre os inimigos, o actor principal, tendo de dirigir os seus subordinados, tornou-se um autor dramatico."

Mas não são somente os artistas, o poeta, o dramaturgo, o musico, o esculptor e as multidões ignorantes e fanaticas que amam os grandes feitos e enaltecem os heroes.

Historiographos, philosophos, homens de sciencia têm sinceramente prestado o seu culto á força, a ponto de perceberem nas brutalidades da guerra, no homicidio collectivo, na espoliação do fraco pelo forte, o factor primordial do progresso dos povos. Não falemos dos antigos historiographos, dos Herodotos, dos Tito-Livios, dos Suetonios que entreteceram as suas narrativas com episodios phantasticos colhidos no acervo das lendas populares; falemos de escriptores modernos que se propuzeram a explicar a genese das civilizações, o

encadeamento dos factos que formam o tecido da historia.

Comecemos por Bossuet, o famoso bispo de Meaux, que fez da historia do povo hebreu o ponto de partida da historia das nações civilizadas: "Os imperios têm na maior parte uma ligação necessaria com a historia do povo de Deus. Deus serviu-se dos Assyrios e dos Babylonios para castigar este povo; dos Persas, para o restabelecer; de Alexandre e de seus primeiros successores, para protegel-o; de Antiochus, o Illustre, e de seus successores, para o exercitar; dos Romanos, para sustentar a sua liberdade contra os reis da Syria, que só pensavam em destruil-a."

Este deus que, como elle mesmo o diz, empunha "do mais alto dos céos as redeas de todos os reinos e fecha todos os corações na mão", é o velho Sabaoth, o terrivel deus das batalhas, colerico, tenebroso nos seus designios, que em "seu furor" instiga os homens uns contra os outros, e manda passar a fio de espada os innocentes; é o mesmo que ainda hoje se invoca nos thronos, nos templos e nas trincheiras.

Outro pensador, Vico, um dos iniciadores da philosophia da historia, assim explica a vida humana primitiva e a origem das instituições que precederam a formação dos povos soberanos: "A Providencia quiz que os gigantes que erravam pelos montes, amedrontados pelas primeiras tempestades desencadeadas após o diluvio, procurassem um refugio nas cavernas; que, contra o seu orgulho, se humilhassem diante da divindade que elles mesmos crearam, e se sujeitassem a uma força superior que chamaram Jupiter... Excitados depois pelos mais poderosos aguilhões de uma paixão brutal, e retidos pelos temores supersticiosos que lhes infundia o aspecto do ceu, começaram a reprimir a im-

petuosidade de seus desejos e a fazer uso da liberdade humana. Retiveram á força, em suas cavernas, mulheres que fizeram as companheiras da sua vida. Com as primeiras uniões humanas, isto é, conformes ao pudor e á religião, appareceram os casamentos que determinaram as relações de esposos, de filhos e de paes. Elles fundaram assim familias que governaram com a dureza dos cyclopes de que fala Homero.”

Os chronistas, os que apenas registam factos, datas e anedotas, estes em regra só comprehendem a historia como um desfilar de exercitos, um immenso theatro de lutas sanguinolentas, de lances melodramaticos, uma serie de reis que se succedem no poder, ou como a biographia, feita em estylo pesado, dos grandes homens, de temiveis capitães, de politicos vorazes, machiavelicos, que passam á posteridade com os louros da fama, enquanto ficam no esquecimento os verdadeiros agentes desta ou daquella transformação historica.

Com rarissimas excepções depara-se ainda hoje um livro rotulado com o titulo de historia que não seja uma chronica indigesta de batalhas, de competições dynasticas, de mudanças de governos, de disputas electoraes, de intrigas que rastejam nos bastidores politicos, ou a descripção tragi-comica das aventuras, das attitudes theatraes de certos personagens, tudo isto sendo para o autor o unico retrato fiel de uma epocha, o dado sociologico, por excellencia, do character e da conducta de um povo.

A vida que se passa nos baixios onde vegetam as classes inferiores, o trabalho surdo, lento, ininterrupto, de milhares de cerebros que pensam ignorados na sombra; as oscillações imperceptiveis e profundas da emotividade, que marcam modificações subteis e não menos profundas nas crenças, nas idéas, nos habitos; a lingua

que modula affectos ou formula conceitos; as necessidades, os impulsos, que abalam os nervos de cada geração, os seus desejos, as suas aspirações, os seus esforços para viver, para gosar, para attingir a consciencia do proprio destino, eis a trama com que se tece o desenvolvimento historico de uma sociedade.

Que papel representam, pois, os grandes homens na evolução dos povos, elles que são para Carlyle, o litterato philosopho do culto dos heroes, "a alma da historia do mundo, os creadores de tudo que a massa humana se esforçou por fazer e attingir?

Antes de tudo, repetimos de Marivaux: "Não ha nem grande nem pequeno homem para o philosopho; ha somente homens que têm grandes qualidades e defeitos; outros que têm grandes defeitos com algumas qualidades."

Em todo caso, acceitemos a existencia dos grandes homens e reconheçamos o papel que representam no palco da historia.

Serão, por ventura, eleitos de alguma divindade, seres capazes de inverter a ordem dos factos, de alterar o feitio da civilização que os produziu?

Homens de acção ou homens de intelligencia, elles condensam em uma synthese maravilhosa o espirito de uma epocha, as suas paixões, as suas tendencias, o seu modo de sentir; ou então, se deslocam do meio onde vivem e, em antagonismo com os seus contemporaneos, agem e pensam para as gerações futuras, preparando ou predizendo outro ambiente social, novas vicissitudes, novas formas de coexistencia.

Entretanto, seria absurdo que se concebessem pairando isolados, acima desse *ignobile vulgus* tão deprimido pelo aulicismo litterario de um poeta latino, dessa onda fluctuante, incoherente, prosaica—a massa hu-

mana—reservatorio inexgotavel das energias que se focalizam no genio.

É depois, certas *celebridades* que attraem as vistas eruditas do historiographo e figuram nos compendios escolares para servirem de modelo á educação da juventude, analysadas nas suas justas proporções, sair-nos-iam sacripantas ridiculos, mediocridades anonymas, si uma eventualidade qualquer não os impelisse de roldão á tona dos acontecimentos. Desses personagens que conquistaram renome, muitos não passariam para o pathologista de monstruosidades vulgares, de loucos moraes, de epilepticos perigosos, de delinquentes atavicos, de cretinos, de imbecis, typos de mentalidade inferior, destituídos por isso mesmo de um intrinseco valor historico.

Agora são philosophos e homens de sciencia que não escaparam ás suggestões da força. E' Hegel, um dos pontifices da philosophia official allemã que nos vem dizer que a guerra torna os povos mais poderosos e os Estados florescentes; é Strauss que vê na supressão das batalhas um perigo e uma chimera como a supressão das tempestades: *a ultima ratio* dos povos será, no futuro, como foi no passado, o canhão; são Stahl, Joseph de Maitre, De Bonald que defendem o poder absoluto dos monarchas como instituição basica sobre que se apoia a prosperidade das nações, ao mesmo tempo que procuram justificar todas as tyrannias; é Frederico Vischer que canta, n'um romantismo espasmódico, "os movimentos fogosos de guerra" como um dos meios mais efficazes para dissipar a inquietude e a angustia que pesam sobre a vida contemporanea.

Mas essas visões sedutoras da força ganharam mais encantos depois que se erigiu em principio funda-

mental de existencia dos seres a *luta pela vida* na sua realidade brutal.

E' desnecessario expor aqui, em detalhe, a doutrina darwinista que revolucionou a biologia, derrocando o dogma sedico da fixidez das especies. Um resumo rapido basta para dar a impressao do que se poderia tornar o darwinismo posto em pratica pelos politicos ambiciosos, pelos espiritos educados na caserna, pelos povos que acalentam sonhos imperialistas.

Darwin ensina que a lei que preside á formacao e ás mutacoes de cada especie é a da luta pela existencia: no combate que travam os seres entre si, triumpham os mais fortes, os mais audazes, os mais dextros, os mais intelligentes, ao passo que os fracos, os inaptos, são inexoravelmente sacrificados no campo da luta. As qualidades uteis a cada um, o vigor physico, a agilidade, a intelligencia, a astucia, transmittem-se á descendencia garantindo-lhe assim a estabilidade e o poder de continuar a concurrencia vital.

A mesma orientacao segue Herbert Spencer, considerando a luta pela vida entre as sociedades o instrumento de sua evolucao:

"O que é o ponto de partida da cooperacao social é a accao combinada para o ataque e a defesa; é deste genero de cooperacao que provem todos os outros. Sem duvida, é impossivel legitimar os horrores causados por este antagonismo universal que, começando pelas guerras chronicas de pequenos grupos, ha dez mil annos, terminou pelas grandes batalhas entre as grandes nações. E' preciso reconhecer que sem estes horrores o mundo só seria habitado por homens de typo fraco, a procurarem abrigo nas cavernas e vivendo de uma alimentacao grosseira."

O que Darwin pensava das plantas e dos animaes,

e Spencer das sociedades primitivas outros applicaram litteralmente á historia dos povos civilizados, construindo sobre esta idéa de um combate sem treguas, entre os organismos, os mais extravagantes systemas sociologicos.

Leia-se, por exemplo, o seguinte trecho de Gustavo Le Bon que bem resume o pensamento dos partidarios do darwinismo social:

A luta dos povos foi a fonte dos mais importantes progressos. Sem ellas os homens jamais teriam saído da barbaria e fundado esses magnificos imperios onde nasceram as artes, as sciencias e a industria. Qual a grande civilização que não tenha sido guerreira? Qual o povo pacifico que tenha representado um papel na historia? Mais desconcertantes para os optimistas são estas palavras de Hellewald:

"D'aqui a alguns seculos causarão riso todos os ideaes de liberdade, de nacionalidade, de humanidade, de dignidade, de moral, como hoje nos provocam riso os sacramentos. O pobre que sonha com o communismo, o rico que quer gosar, o padre, o monarcha, o soldado, o republicano, todos *lutam pela existencia*, todos têm razão."

Economistas que reduzem toda actividade economica a um jogo satanico de ambições egoisticas, applaudem com vehemencia o transformismo darwinista porque nelle percebem uma confirmação altisonante das suas divagações e formas syllogisticas. Socialistas de alto cothurno fazem da *luta de classes* o grande propulsor das revoluções sociaes e della esperam a ascensão politica e economica do operariado faminto sobre a burguezia enfiada.

Juristas da autoridade de Ihering descobrem que

o direito, antes de se crystalizar em lei, de se fixar n'um codigo, brilha e se irradia da lamina de uma espada:

"O fim do direito, diz o mais eloquente apostolo do jurismo, é a paz, e o meio de que se serve o direito para assegurar a paz, é o combate, a guerra, a força. A luta durará tanto quanto o mundo. A luta não é, pois, extranha ao direito, mas está intimamente ligada á essencia do direito; é um elemento da noção do direito. Todo direito não foi conquistado sinão pelo combate, porque a noção do direito não é uma concepção logica, é uma *concepção pura da força*.

Seria ocioso citar os que seguiram as pegadas do eminente jurista tudesco. Como elle, não faltaram sociologos e publicistas, que lobrigassem no arcabouço de cada instituição um sulco inapagavel que ahi gravara o genio bellicoso de uma raça ou o trabuço fumegante de um audaz conquistador.

Para Ratzenhofer, Lerter Ward, Gumplowicz, Lasson, as nações e os Estados se constituíram pela victoria das raças ou dos grupos sociaes, que sujeitavam os mais fracos á eseravidão, absorvendo lentamente os que escapavam a esse regimen de violencia.

E assim "o darwinismo social, observa mui justamente um brilhante sociologo, fez do militarismo uma religião, fonte de um mysticismo novo, de um delirio feroz: *Fóra da guerra, não ha salvação*."

A conclusão a tirar-se do ponto de vista em que se acham escriptores differentes pela cultura e a educação, só pôde ser a mais melancholica: — é que só ha uma verdade historica de que as outras são apenas postulados: o principio da força, da *vontade de poder* que para Nietzche constitue o fundo psychologico de onde emerge o *super-homem*; e como consequencia deste principio, um só systema social verdadeiro—o da arbi-

trariedade dos governantes, dos poderosos em estatuir normas ou preceitos de conducta que se fariam respeitar, no seio de cada paiz, pelo sabre policial, e, entre nações, pela bocca do canhão.

O mais é chimera, utopia, divagação; a guerra, a carnificina, as depredações, os roubos, as extorsões, eis o que faz a grandeza dos povos. "A paz perpetua, descreve Moltke em carta a Bluntschli, é um sonho, e nem mesmo é um bello sonho. A guerra é um elemento da ordem do mundo estabelecido por Deus."

E ha ainda as conclusões praticas que se têm tirado desse modo de ver, que vem mostrar quão arraigado é o poder suggestivo da força.

A politica internacional é infelizmente uma pirataria disfarçada; é a politica da bala, da violencia, do ardil; até pouco tempo dominava-a o espirito de conquista territorial; agora ella reveste outra forma imperialista—é o imperialismo economico, de tendencias francamente absorventes, que opera pela concorrência febril, pelo alargamento dos mercados, pela colonização tanto quanto possível centralizada, e por systemas de compressão economica e financeira a que vão sendo submettidos veladamente ou pela violencia os paizes novos e inexperientes.

Referindo-se a esta politica que só differe da do passado por certos processos, tendo, porém, os mesmos intuitos de dominação, escreve um notavel jurista austriaco, Anton Menger: "Emquanto na vida interna de cada nação a realidade é mascarada para um olhar pouco exercitado, sob instituições decorativas, aqui apparece immediatamente o imperio exclusivo da força. Entre os diversos Estados é o regimen da luta continua que está em vigor; as armas em tempo de guerra são as da violencia, em tempo de paz, as da astucia."

O desenvolvimento espantoso da industria, a accumulção phantastica de capitaes; o excesso de população, considerado relativamente ás condições de vida, a miseria que invade os grandes centros, e determina o exodo para as regiões pouco exploradas ou incultas; o desejo irrefreavel de fazer fortuna, eis os principaes factores que refundiram em moldes mais amplos a velha machina diplomatica dos governos europeus e concorreram de um lado para incrementar a rivalidade chronica que sempre existiu entre as potencias, e do outro, para o exterminio de pobres tribus selvagens e até para a escravização militarmente levada a cabo de povos pacificos e prosperos somente porque occupavam terras cubigadas pelas suas riquezas naturaes.

Em seu livro notavel — *A grande illusão*, escripto antes da guerra, em 1910, livro que devia substituir nas escolas as lições sedições de uma moral civico-militar, faz Norman Angell um apanhado curioso das opiniões dominantes na imprensa, na tribuna, no livro sobre as desconfianças, as hostilidades que entre as nações hodiernas, principalmente entre a Inglaterra e a Allemanha vinha provocando a ambição de dominio economico do mundo.

Para não se tornar enfadonho, bastam apenas alguns trechos que demonstram que antes de 1914 a guerra já estava em estado latente, aguardando só o momento de explodir:

Ouçamos o almirante Mahan:

"... A Allemanha deve assenhorear-se da importação das materias primas e da fiscalização das regiões d'onde estas materias provêm. De mais a mais, tem ella de segurar-se nos mercados e de proteger a importação dos artigos de alimentação, pois que ella cada vez se torna menos capaz de alimentar a sua população

sempre crescente. Isto implica a segurança no mar... Ora a supremacia naval da Gran-Bretanha implica o exercício de um *contrôle* continuo do commercio allemão... O mundo habituou-se, ha muito tempo, á idéa de um poder naval preponderante, e considerou que a Inglaterra era este poder; ora, notou-se que a preponderancia naval arrasta uma preponderancia industrial e commercial, e é em vista desta preponderancia que ha conflicto actualmente entre a Gran-Bretanha e a Allemanha.

Sobre uma possivel guerra entre a Allemanha e a Inglaterra, assim se manifesta Robert Blatchford:

"Porque a Allemanha atacaria a Gran-Bretanha? Porque a Allemanha e a Gran-Bretanha estão em rivalidade commercial e politica; porque a Allemanha inveja o commercio, as colonias, a influencia e o império que a Gran-Bretanha actualmente possui."

E o almirante tudesco von Koester: "O augmento continuo de nossa população obriga-nos a dirigir uma attenção especial para o augmento de nossos interesses fóra da Europa. Só a execução integral de nosso programma naval nos pode dar esta liberdade do mar que a nós mesmos devemos exigir. O augmento continuo da nossa população nos obriga a dar novos fins á nossa actividade e a nos transformar de potencia continental em potencia mundial."

Planos de assalto, de invasão, de conquista eram traçados e discutidos por jornaes pangermanistas e inglezes, como si estivessem em tempo de guerra; ou por outra, a luta estava travada nos dominios da opinião publica para logo depois precipitar-se nos campos de batalha.

Os povos fracos, ou os de civilização nascente, estes soffrem as mais duras consequências dessa politica

apoiada na força militar. O invasor ali penetra trazendo, em vez de armas, o capital que vence os obstáculos com que, por ventura, tem elle de contar da parte das populações ciosas de conservar com os seus costumes, com os seus habitos, a riqueza que accumularam.

Mas acontece que nem sempre os recursos de que dispõem bastem para satisfazer necessidades collectivas: a exploração das terras e das minas, meios de transporte indispensaveis á circulação dos productos, despezas que os governos são obrigados a fazer com serviços do Estado, os esbanjamentos da renda publica por partidos politicos vorazes e outras circumstancias justificam naturalmente que o capital estrangeiro seja em alta escala utilizado pelos naturaes a titulo de empréstimos ou mediante concessões, que no momento podem ser um desafogo, mas no futuro tornar-se-ão uma sobrecarga insupportavel. Si, ao contrario, ha resistencia em acceitar um protectorado extranho, arranja-se um pretexto qualquér, e o resultado já se sabe, é a submissão pela violencia.

Não é preciso enumerar factos; elles se passam todos os dias e entram no rol das cousas vulgares. Basta lembrar o tragico episodio da conquista do Transwaal que ainda hoje enche de pasmo os que sonham com um direito internacional em que as nações fracas sejam tambem contempladas, e mais o massacre em massa de tribus que recusam obediencia aos seus dominadores. "Com effeito, diz Loria, um dos mais eminentes economistas contemporaneos, é um phenomeno grandioso e ao mesmo tempo picante, servir-se de todos os resultados da civilização para renovar os fastos militaristas e barbaros, que approxima dos povos civilizados os selvagens, enlaça os continentes, transpõe temerariamente os oceanos, junta novas gemmas ás corôas, novo dinheiro

aos cofres-fortes, novos assassinios aos annaes da criminalidade humana, novas dores e novas infamias ao martyrologio das nações, e que, em suas emprezas, como nos seus proconsules, nas suas glorias como nos seus horrores, associa á magestade gigantesca das idéas e dos meios a vulgaridade plebéa dos moveis e dos appetites."

Dir-se-á que é a lei fatal da luta pela existencia; o sentimento de força que impelle os Estados nessa directriz que simples aspirações transcendentes não conseguem desviar. A guerra, sempre a guerra! porque ella, só, depura e fortalece as raças, forma e solidifica o character dos povos, funda civilizações, aviva o amor da liberdade, do direito e da justiça.

A despeito dos que assim pensam, persisto em defender as idéas emittidas nos meus estudos de sociologia: que si a luta é um phenomeno inherente á vida dos seres; si ella representa na historia das sociedades humanas uma alta função—a de aguçar o instinto de conservação do individuo e da especie, de desenvolver a consciencia dos interesses vitaes de um povo e de suggerir de chofre os meios de garantir esses interesses, por outro lado, o sacrificio dos mais fortes, a destruição em poucos dias do que o homem levou seculos a construir, a miseria, a fome, o exgottamento das forças sociaes, as angustias, a tortura, as brutalidades que soffrem as populações inermes, tudo isso é mais do que evidente para me convencer de que as vantagens da guerra que tanto se apregoam, estão longe de contrabalançar os males que ella acarreta.

Demais, a sciencia, unica autoridade que se deve ouvir, porque é a unica que se apoia no exame e na experiencia dos factos, vem de ha muito corrigindo os exageros da escola darwinista. O proprio Darwin queixava-se dos seus discipulos que transportaram a sua

deutrina ao campo da sociologia, interpretando ao pé da letra o principio da luta pela vida e da selecção natural; elle não desconhecia o papel da sociabilidade na formação e desenvolvimento dos agrupamentos humanos; e Spencer reconhecia que, além da selecção natural que augmenta a efficaia da acção collectiva, existe a cooperação entre os grupos para se manterem em defesa contra o inimigo externo, para facilitarem a aquisição dos meios de subsistencia e a satisfação de necessidades physicas, moraes, e intellectuaes communs ao individuo e á collectividade.

Vêm ainda outros biologistas e sociologos demonstrar que, mais do que a luta, exerce a sociabilidade sobre a vida dos seres uma função profundamente biologica: torna as especies mais aptas, mais promptas para reagirem contra as influencias do meio e contra as que procuram destruil-as. Entre muitos destacam-se Kessler, Espinas, Kropotkine, Buchner, Colajanni, Novicow, cujos trabalhos contêm uma preciosa documentação que os partidarios da guerra deveriam consultar.

Na organização das sociedades humanas os interesses communs, as crenças communs, a mesma tradição, o mesmo idioma, as mesmas instituições constituem um circulo de relações individuo-sociaes dentro do qual o todo colectivo se move e se equilibra. Na vida economica, na vida moral, na vida juridica, o auxilio mutuo, a cooperação contrabalançam os effeitos da concurrencia e neutralizam as competições e os impulsos egoisticos. A luta arrefece entre os membros da mesma familia, da mesma classe, da mesma comunidade, da mesma nação. Entre os grupos nacionaes esse sentimento de cooperação, de solidariedade já se manifesta approximando povos de tendencias, de raças, de habitos diversos; e acabará por triumphar nas relações interna-

cionaes, riscando da carta geographica, por nefasta e inutil, esta politica barbara de espoliações e de morticínios, esse banditismo disfarçado que a hypocrisia dos governos imperialistas galvaniza com o titulo pomposo de *direito internacional*.

A' politica da força devemos oppôr a politica do direito; ás suggestões da força que geram a guerra, estados de consciencia nitidos do direito que é a epopéa da paz.

"A paz, diz Clovis Bevilacqua, o mais eminente dos nossos juristas philosophos, é o equilibrio das energias sociaes pelo direito; a guerra é a luta dessas energias produzindo a desordem e a injustiça... A guerra é, forçosamente, uma crise mais ou menos prolongada, mais ou menos dolorosa, na vida dos povos. A paz é o estado normal da sociedade dos Estados, é a atmosphera do trabalho, a condição necessaria ao surto dos sentimentos generosos de philantropia."

Aliás, já começa a raiar a verdade, e o grito de guerra á guerra! sente-se que vibra hoje em cada consciencia, na alma do homem do povo, no peito do soldado, e até no cerebro daquelles que planearam a mais sombria hecatombe da historia. Estes convencer-se-ão de que, si a moral militar, que professam com tanto ardor, pode, na phrase de um sabio inglez, manejar bem o machado para abater a arvore, desconhece, entretanto, a força pacifica que faz crescer a floresta.

E oxalá que o homem, menos estúpido e mais experiente, grave, depois dessa tremenda lição, á porta dos quarteis e no frontispicio das escolas, estas palavras com que Montesquieu esculpiu o mais formoso modelo em que se possa talhar o caracter de uma geração:

Si eu soubesse de alguma cousa que me fosse util e fosse prejudicial á minha familia, eu a rejeitaria do meu espirito. Si eu soubesse de alguma cousa que fosse util á minha familia e não o fosse á minha patria, eu procuraria esquecel-a. Si eu soubesse de alguma cousa util á minha patria e que fosse prejudicial á Europa e ao genero humano, eu a repelleria como um crime.

Dr. Joaquim Pimenta.

